

Etapa Debreagem – Nível Discursivo

A debreagem é um processo extremamente importante para a compreensão dos conceitos de enunciado, enunciação, texto e mesmo do lugar do Percurso Gerativo do Sentido. Recorremos, embora apenas de forma preliminar, à leitura que Fiorin (2001) faz dos postulados Greimasianos a fim de propor uma abordagem inicial a essa parte densa e complexa da teoria, de forma a fornecer ao leitor uma apreensão do todo, sem alcançar todo o detalhamento possível mas de forma suficiente para nortear tanto as primeiras incursões do Analista quanto o uso do *dadosSemiotica*.

O quadro teórico da debreagem

Compreende-se a *imanência* como um nível pressuposto e potencial, no qual encontra-se o percurso gerativo como possibilidade integral, e a *manifestação* como um nível já presentificado, textualizado, pois compreende a junção de um Plano da Expressão ao Conteúdo. O Enunciador é responsável pela semiose, que é própria textualização, a manifestação do discurso que em imanência, ainda não é, pois ainda pode ser tudo e qualquer coisa.

Greimas e Courtés (s/d, p. 147) vão referir a enunciação como um “lugar imaginário, que confere ao sujeito o estatuto ilusório do ser”. Sem compreender essa separação entre o dito e o “ditador”, ou seja, entre o enunciado e o enunciador/enunciatário, mas também entre o enunciador/enunciatário e os atores ontológicos¹ que assumem este papel. A Ana² que escreve estas linhas, pode-se assim dizer, no momento da escrita, assume o papel de Enunciador e povoa o de Enunciatário com todas as imagens e traços de quem pretende que as leia, mas não é o Enunciador: quando você lê estas linhas, o Enunciador permanece pressuposto por elas, carrega suas marcas, mas não coincide com a Ana. Não fosse assim, não poderíamos citar a fala de ninguém: se você ler para um grupo as linhas aqui escritas, nem você, nem a Ana serão os Enunciadores, mas enquanto lê, é esse papel que você assume.

O enunciado é, portanto, um fruto da semiose e, assim, a enunciação que o produz é sempre anterior e pressuposta, mas permanece no texto na forma de marcas mais ou menos evidentes sobre quem são Enunciador e Enunciatário. O Sujeito da Enunciação recobre estes dois papéis, já que um cria o outro, um não existe sem o outro (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p.150). Quanto mais evidentes e específicas, mais restrito o público que compreenderá, de fato, a mensagem, de modo que a forma genérica das marcas deixadas no discurso pela Enunciação faz parte das estratégias discursivas. Visto de outra perspectiva, a da recepção, quanto menos específicas forem as marcas da Enunciação quanto ao Enunciatário, maior a probabilidade do leitor identificar-se com esse papel e manter com o texto uma relação fiduciária, seja pela concordância, seja pela discordância de seu conteúdo.

Nota-se, assim, que nem Enunciador, nem Enunciatário estão contidos no texto. Pergunta que não quer calar: se digo “eu”, esse “eu” não está contido no texto?

1 A ontologia refere-se aqui ao Mundo Natural, aquele que é o “lugar de elaboração e de exercício de múltiplas semióticas” (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p. 292). É esse mundo no qual nascemos e que, a partir da aquisição das linguagens, passamos a perceber sempre de forma mediada por elas, o que não significa que não tenha existência fora delas.

2 É interessante que “Ana que escreve estas linhas” não é nem a pessoa de carne e osso, nem o Enunciador, mas um ator construído pelo discurso para referir uma ocupação de forma figurativa desse lugar de Enunciador.

É aqui que entra a debreagem. Esse “eu” é um ator do discurso, não o enunciador e muito menos a pessoa que profere as palavras ou gesticula em LIBRAS, por exemplo. Caso fossem a mesma coisa, seria impossível a qualquer pessoa citar outra em primeira pessoa: “Daí ela disse: eu, ein? Jamais pintaria o cabelo de verde, ia parecer um repolho”.

Ao colocar em sua própria boca as palavras de outrém, o Enunciador cria o papel de narrador/narratário e de interlocutor/interlocutário. O “eu” que fala na frase do “repolho” é o narrador, que não é o mesmo “eu” que “jamais pintaria o cabelo de verde”.

Gostamos de descrever esse mecanismo como “dar a voz a alguém”. O que está pressuposto é que o Enunciador “dá a voz” ao narrador, um ator do Nível Discursivo. O ator Ana Matte pode facilmente enunciar a frase do repolho sem jamais ter vivido tal situação, simplesmente porque o ator interlocutor não precisa coincidir com o ator narrador.

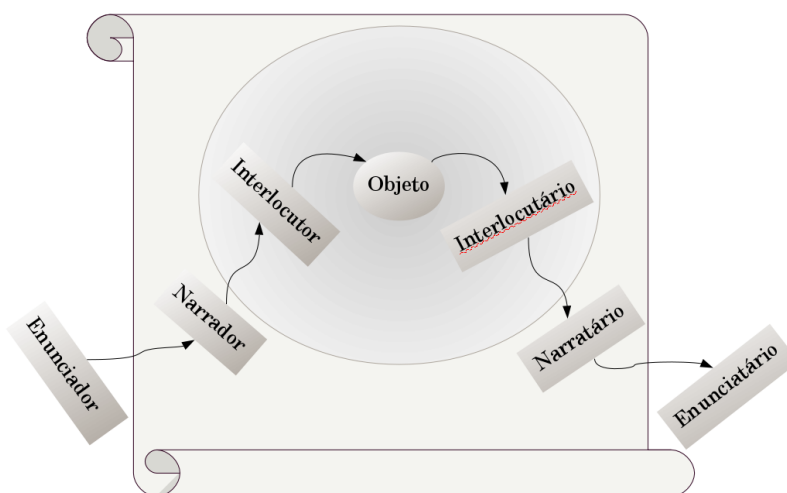


Figura 21: Camadas de "vozes" do discurso. O pergaminho representa os limites do texto: observe que o narrador é interno, portanto é um ator do Nível Discursivo.

Barros (1988, p. 75) desenha essas relações como camadas em torno do objeto. Na Figura 21 buscamos mostrar, usando uma folha de papel esquemática para representar o limite entre o dentro do discurso e o fora do discurso, como se relacionam essas camadas, lembrando que, especialmente, mas não exclusivamente, os atores interlocutor/interlocutário podem ser multiplicados como alguém que cita alguém que cita alguém etc.

A debreagem, ícone da própria ideia de meta-linguagem, é essa criação de uma instância simulada de interação, na qual o dito simula e refere o dito, uma camada ou nível cada vez mais interno ao texto, sendo a instância da enunciação externa a ele e somente apreensível pelas marcas que deixa no enunciado: não poderia ser de outra forma, visto que, mesmo em interações face a face, a instância da enunciação permanece pressuposta. No momento em que algo é dito, a enunciação já ficou no passado.

A Figura 22 mostra os elementos da Figura 21 destacando o nível em que se encontram os atores. Não há limite para a debreagem: sempre é possível criar uma nova ordem de debreagem (debreagens de terceiro e quarto grau, e assim por diante), adicionando uma camada mais interna, o

que não significa que um número excessivo de debragens não vá acontecer sem causar uma boa confusão.

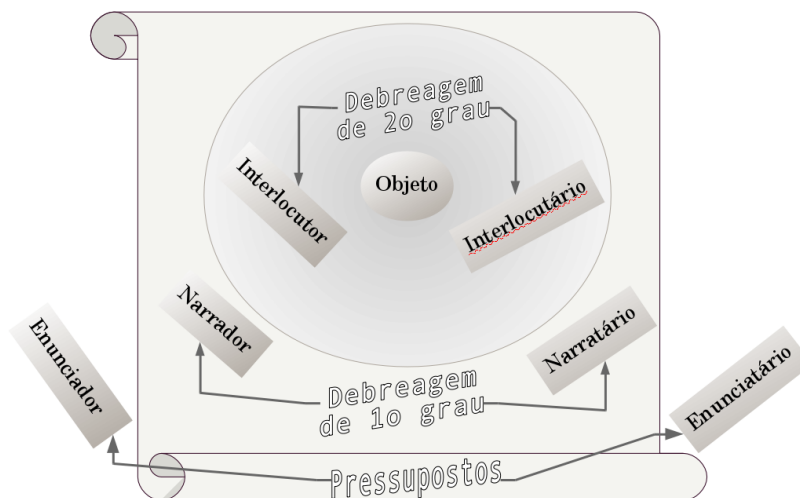


Figura 22: Níveis de Debreagem a partir da Enunciação.

Embora as Figuras 21 e 22 sejam capazes de mostrar as camadas de debragem em termos de interioridade (debreagens de mais altos graus) e exterioridade (enunciação pressuposta), são bidimensionais e, por este motivo, não permitem perceber que não se tratam de camadas de círculos, mas de camadas de esferas (Figura 23).

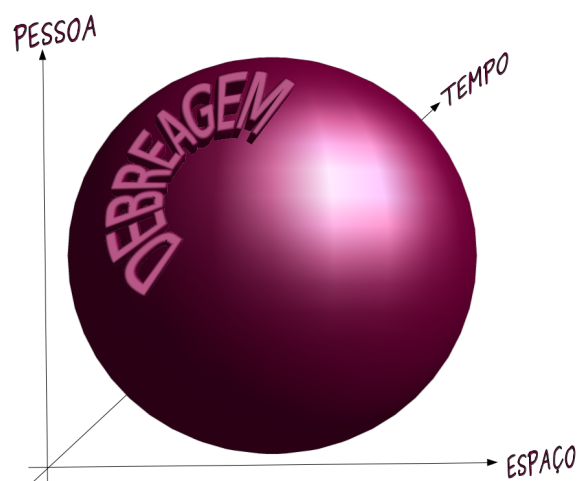


Figura 23: As três dimensões da Debreagem: pessoa, espaço e tempo.

Como, referindo Benveniste, nos ensina Fiorin (2001, p. 41), “O *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo que é constitutiva da Pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis *eu/tu*”. E completa: “A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso”.

A linguagem é um produto de nossa humanidade e, por isso mesmo, antropomórfica. O Nível Narrativo é exemplar disso: não importa que se fale da vida de uma árvore ou de uma celebridade, a Narrativa é sempre baseada na relação do sujeito com objetos e outros sujeitos. Esse antropomorfismo é também antropocêntrico: tudo tem como referência um “eu”, explícito ou não. Explicitar esse “eu” cria o que chamamos de Debragem Enunciativa, pois o “eu” que remete ao Enunciador está enunciado. Quando não o explicitamos, a Debreagem é Enunciva: se, por um lado, ela é mais objetiva, menos pessoal, criando uma distância entre o falante e o falado, por outro lado, ela é mais rigorosa em relação à Enunciação, visto que a Enunciação não está, de fato, no enunciado, mas o precede, sendo sempre por ele pressuposta. Por esse motivo, a Debreagem Enunciativa pode ser chamada de embreagem – ou mais estritamente, reembreagem – pois ela simula trazer para dentro do discurso o que, pela própria existência do enunciado, já não está mais, já foi: o enunciado só existe como tal por ser fruto de um processo prévio de enunciação. Um exame mais apurado da relação entre debreagem (dar a voz) e embreagem (efeito “produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado”) pode ser encontrado em Fiorin (2001, pp. 48-51).

Voltando à Figura 23, notamos que uma das 3 dimensões da Debreagem é a pessoa, sendo a segunda o Espaço e, a terceira, o Tempo: “Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência” (FIORIN, 2001, p. 42).

Existem duas meta-enunciações, como vimos: a enunciação enunciada ou enunciativa e a enunciação enunciva, correspondendo a dois modos gerais de debreagem, a primeira referente ao *eu/aqui/agora* e a segunda referente ao *ele/lá/então* (Figura 24).

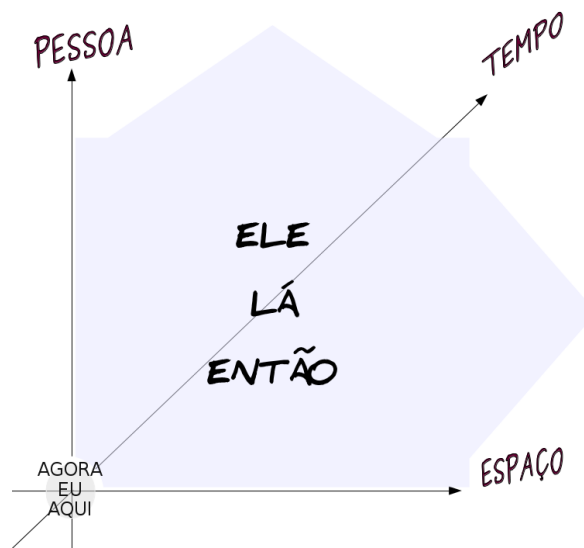


Figura 24: Enunciação e sua tridimensionalidade.

Durante nossos estudos sobre categorias fechadas para o Módulo de Semiótica do *dadosSemiótica*, observamos que existe uma forte correlação entre cada um dos referentes da enunciação, que é um “enunciado cuja função-predicado é denominada de *intencionalidade*, e cujo objeto é o enunciado-

discurso” (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p.147). Observe a Figura 24: *eu/aqui/agora* são um ponto, não qualquer ponto, mas o ponto de origem, e, como tal, ponto de referência, para todo *ele/lá/então* possíveis e imagináveis. Uma *debreagem*, a enunciativa, é pontual, concentrada, a outra, a enunciva, é espalhada, difusa. Na esteira da Tensividade (ZILBERBERG, FONTANILLE, 2001, p. 33), podemos dizer que a *debreagem* enunciativa é da ordem da triagem, enquanto a enunciva é da ordem da mistura: na primeira, define-se pessoa/espaço/tempo pela exclusão do que não é *eu/aqui/agora*, já na segunda, pela abrangência desse todo além do *eu/aqui/agora*. Assim, julgamos apropriado definir a *debreagem* enunciativa como concentrada e a *debreagem* enunciva como difusa.

Interface e análise

Se recorremos à obra integral de Fiorin (2001), encontramos uma enorme variedade de estratégias na criação de efeitos de sentido a partir da relação entre o enuncivo e o enunciativo em cada uma das três dimensões de pessoa/espaço/tempo, bem como entre elas. Nesse momento de lançamento da primeira versão do Manual do Módulo de Semiótica do *dS*, julgamos apropriado deixar essa classificação aberta, com um campo de comentário para cada aspecto: pessoa, tempo e espaço.

Análise do texto xxx na Etapa DEBREAGEM.
Visualização por seleção de texto

Sentença 1 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 2 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Sentença 3 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 4 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 5 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Sentença 6 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Selecione o trecho, preencha o formulário (ativado com a seleção) e salve antes de continuar.

Lógica: TRIAGEM MISTURA

	Concentrado	Difuso	
Pessoa:	<input type="checkbox"/> EU	<input type="checkbox"/> ELE	Classificação opcional da Pessoa
Espaço:	<input type="checkbox"/> AQUI	<input type="checkbox"/> LÁ	Classificação opcional do Espaço
Tempo:	<input type="checkbox"/> AGORA	<input type="checkbox"/> ENTÃO	Classificação opcional do Tempo

Comentário opcional sobre a Debreagem

SALVAR E CONTINUAR SALVAR E SEGUIR PARA O PRÓXIMO TEXTO CONCLUIR ANÁLISE DA CATEGORIA

Figura 25: Esquema da tela de análise da etapa Debreagem do Módulo de Semiótica.

A interface, esquematizada na Figura 25, não possui nenhuma vinculação automática durante a fase de análise, mas os dados coletados vão, na fase de pré-processamento, classificar os resultados, completando as células em branco de cada coluna, quando possível.

Assim, as categorias da Etapa de Debreagem, do Módulo de Semiótica, são aquelas representadas na Figura 26.